

Honest Truths

Jeanete de Novais Rocha

Mestranda em Cinema na Universidade da Beira Interior - UBI

jeanete.rocha@gmail.com

Aufderheide, Patricia; Jaszi, Peter; Chandra, Mridu, *Honest Truths: Documentary Filmmakers on Ethical Challenges in Their Work*, Center for Social Media, 2009. Disponível em: <<http://www.centerforsocialmedia.org/ethics>>. Acesso em: 2 de Novembro de 2009.



Apesar da discussão sobre a ética no documentário não ser propriamente recente, não foi ainda possível formular um modelo ético específico para o documentário, à semelhança do que acontece com o jornalismo. Quando se deparam com dilemas éticos, realizadores e produtores de filmes documentais têm apenas como linha de referência para a tomada de decisões éticas, o seu julgamento individual, as orientações resultantes dos debates ocasionais realizados em festivais de cinema ou as dos seus produtores executivos.

Não é possível construir um modelo ético para o documentário, sem a existência de um debate público profundo, onde seja possível partilhar experiências sobre os desafios éticos que se apresentam e sobre as possíveis formas de abordar esses desafios. É neste contexto que surge o estudo *Honest Truths: Documentary Filmmakers on Ethical Challenges in Their Work*, publicado em Setembro de 2009, pelo Center for Social Media, na American University.

O estudo conduzido por Patricia Aufderheide, Peter Jaszi e Mridu Chandra, sumariza o resultado de várias entrevistas dirigidas a realizadores e realizadores-produtores americanos, que tivessem trabalhado em pelo menos duas produções nacionais e possuíssem controlo autoral sobre as mesmas. Nas entrevistas, realizadas por investigadores do Center for Social Media, pelo realizador Mridu Chandra e Maura Ugarte, estudante da American University School of Communication, os profissionais eram questionados sobre os desafios éticos que se erguam no decorrer do seu trabalho.

Segundo as entrevistas foi possível identificar que os dilemas éticos surgiam essencialmente na dinâmica de relação estabelecida entre o realizador e o *outro*. Foram identificadas duas grandes linhas de relacionamento onde se apresentavam maiores desafios éticos: a primeira, identificada na relação entre o realizador e os sujeitos, isto é, os intervenientes no documentário, e a segunda identificada na relação estabelecida entre o realizador e os espectadores. Podemos ainda considerar uma terceira linha, identificada na relação do realizador consigo mesmo.

O equilíbrio entre as responsabilidades éticas e as questões práticas que se apresentam no decorrer da realização de um documentário é de difícil manutenção, uma

vez que o realizador se encontra sobre a acção de uma série de forças ético-sociais distintas, que entram frequentemente em conflito umas com as outras. Simultaneamente o realizador tem obrigações éticas para com os sujeitos, os espectadores e para consigo próprio, isto é, com a sua visão artística. De que modo pode conciliar e gerir estas forças?

O estudo revela que os realizadores, apesar de não possuírem um modelo definido para a resolução das tensões, e ainda que com excepções, partilhavam os mesmos critérios na tomada de decisões, quando se deparavam com dilemas éticos: relativamente aos sujeitos, os profissionais acreditavam que não deveriam prejudicar, ou causar dano aos intervenientes, protegendo-os sempre que os considerassem numa posição vulnerável. Relativamente aos espectadores os realizadores manifestaram a necessidade de honrar a confiança dos espectadores, partilhando o sentimento de obrigação em transmitir histórias autênticas, mesmo que para isso fosse necessário manipular. Manifestaram ainda a necessidade de respeitar a sua própria visão artística, ou “verdade artística”.

Curioso foi verificar que, para ponderar as suas decisões éticas os profissionais analisavam frequentemente as relações de poder que mantinham tanto com os sujeitos, como com os espectadores. Um ponto fundamental é o do posicionamento, ou ponto de vista. Sempre que um sujeito se mostre vulnerável, isto é, manifeste um poder social e económico inferior ao do realizador, este tende a proteger o sujeito, não o colocando em risco, ou numa posição pior do que aquela em que se encontrava quando a relação teve início, no entanto, nos casos em que os sujeitos manifestam um poder social e económico superior ao do realizador, como as figuras públicas ou personalidades mediáticas, os realizadores revelam não ter qualquer problema em expor os sujeitos, não sentindo a necessidade de os proteger. As decisões éticas são tomadas consoante o diferencial de poder existente entre o realizador e os intervenientes. O estudo apresenta ainda uma série de desafios e questões que se levantam no relacionamento do realizador com os sujeitos, como a revenda das imagens dos seus documentários, a partilha de poder com os sujeitos, ou a renumeração dos sujeitos.

Em relação aos espectadores os realizadores manifestaram a necessidade de transmitir histórias exactas e verídicas, que honrassem a confiança depositada pelos espectadores no seu trabalho. Alguns profissionais chegam mesmo a afirmar que o seu dever é “servir a verdade”. Este conceito de verdade está associado tanto à realidade social, como à “verdade artística”. Para “servir a verdade” muitos afirmam que por vezes é necessário e aceitável manipular. Várias situações que geram tensão ética, como a encenação e recriação de eventos, os efeitos especiais, ou o uso de material de arquivo, são frequentemente aceites e justificados com a necessidade de transmitir uma “verdade maior”.

A leitura do estudo, para além de sugerir estas duas linhas de tensão ética, aproxima-nos de um conceito fundamental para a compreensão do cinema documentário: o conceito de ponto de vista, isto é, o posicionamento do realizador perante a realidade social, que nos possibilita entender o documentário como o resultado criativo de um indivíduo (realizador) que se encontra em constante (re)posicionamento, seja perante os sujeitos, perante os espectadores ou perante a sua própria “verdade artís-

tica”, nesse sentido o documentário é um manifesto de forças éticas entre realizador, sujeitos, espectadores, que podem ser medidas na imagem. Consoante a tensão ética é possível identificar duas grandes forças: a “força de contacto” que se identifica no par realizador/sujeitos, uma vez que o realizador actua directamente junto dos intervenientes no documentário. A força que ele exerce sobre os actores sociais e a força que os actores sociais exercem sobre ele é gerada através do contacto e da proximidade que mantêm durante a realização do documentário; e a “força de campo”, que pode ser identificada na interacção do par realizador-espectadores e é caracterizada pela acção indirecta do realizador sobre o público. Este tipo de força é exercido sem a necessidade de contacto físico entre os diferentes elementos do par. Neste caso o campo gerado pelo realizador será o próprio documentário. O público, que se submete à sua influência [do documentário] irá experimentar as forças desse campo, sendo afectado de modo indirecto. As tensões éticas adjacentes a esta força estão relacionadas com a necessidade que o realizador tem de tornar a sua história credível, isto é, com a necessidade de honrar a confiança do espectador. Tal como acontece com a força de contacto, a força de campo pode ser medida na estética. Assim, as decisões éticas do realizador poderão ser medidas nas suas opções estéticas, uma vez que o ponto de vista corresponde a uma estética e a uma ética que o regula.

Apesar de vincar a necessidade de um debate mais profundo sobre ética e documentário “Honest Truths” apresenta-se como um importante passo na partilha das práticas, valores e critérios, estabelecendo-se como um mapa dos principais desafios éticos experienciados pelos realizadores que trabalham com a realidade social como matéria-prima. Recomenda-se o download gratuito deste estudo, que pode ser reproduzido gratuitamente na sua totalidade.